

VOCABULÁRIO KARIPUNA - PANO: ESBOÇO DE TABELA FONÉTICA A PARTIR DE DADOS DE MARTIUS (1863) E FARIA (1927)¹

DOI: <https://doi.org/10.29327/210932.1.1-6>

Selmo Azevedo Apontes
Universidade Federal do Acre
selmoapontes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8985-0762>

Joaquim Paulo Mana Kaxinawá
Universidade Federal do Acre
joaquimmana@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-9968-784X>

RESUMO: Este trabalho possui dois objetivos iniciais: apresentar dados para estabelecer a hipótese que os dados obtidos de Martius (1863) e Faria (1927) são de um Karipuna da família linguística Pano; e, também, objetiva reconstruir uma proposta fonética preliminar do Karipuna Pano. As fontes linguísticas utilizadas são: Martius (1863) e Faria (1927). As fontes históricas e propostas de classificação foram: Noronha (1768), Keller (1874), Cardus (1886) e Manson (1950). A partir disso, montou-se uma tabela com dados de cognatos, acrescentados uma coluna de léxico Huni Kuĩ (Kaxinawá) e Kaxarari (os dois da família linguística Pano), com dados de nossa pesquisa. Como resultado preliminar, nossa hipótese é de que os dados do Karipuna em Martius e em Faria pertencem a um Karipuna da família linguística Pano. Assim, chegamos a uma tabela fonética preliminar do Karipuna Pano: [p, b, m, t, n, k, ɲ, h, r, s, ʃ~tʃ, ʂ, w, j] e [i, a, i, u].

PALAVRAS-CHAVE: Karipuna-Pano. Léxico. Martius. Faria. Reconstrução.

KARIPUNA PANO VOCABULARY: SKETCH OF PHONETIC TABLE FROM MARTIUS (1863) AND FARIA (1927) DATA

ABSTRACT: This work has two initial objectives: to present data to establish the hypothesis that the data obtained from Martius (1863) and Farias (1927) are from a Karipuna of the Pano linguistic family; and also aims to reconstruct a preliminary phonetic proposal of Karipuna Pano. The linguistic sources used are: Martius (1863) and Faria (1927). Historical sources and classification proposals were: Noronha (1768), Keller (1874), Cardus (1886) and Manson (1950). From this, a table was set up with data from cognatos, adding a column of lexicon Huni Kuĩ (Kaxinawá) and Kaxarari (Pano linguistic family), with data from our research. As a preliminary result, our hypothesis is that Karipuna data in Martius and Faria belong to a Karipuna from the Pano language family. Thus, we come to a preliminary phonetic table of Karipuna Pano: [p, b, m, t, n, k, ɲ, h, r, s, ʃ~tʃ, ʂ, w, j] e [i, a, i, u].

KEYWORDS: Karipuna-Pano. Lexicon. Martius (1863). Faria (1927). Reconstruction.

¹ Originalmente esse texto foi apresentado no Encontro da ANPOLL em novembro de 2020 e publicado uma versão resumo de 8 páginas nos Anais do XXV Encontro Nacional da ANPOLL de 2020. Agora, realizamos a revisão do texto e apresentamos a versão quase completa. Quase completa porque somente os dados originais de cada autor é um composto de 18 páginas. Por isso, faremos, neste trabalho, a apresentação de apenas parte dos dados. Também queremos agradecer a contribuição dos membros do GT de Línguas Indígenas no Evento da ANPOLL de 2020, bem como a Hein van der Voort que nos disponibilizou o enviou o importante texto de Wanda Hanke, evidenciando a situação dos Karipuna no final na década de 1940.



INTRODUÇÃO²

O levantamento de dados históricos é importantíssimo para ajudar a reconstruir e comparar sistemas linguísticos. Além do mais, são importantes registros de um momento em que uma determinada língua encontrava-se em plena vitalidade linguística pelos seus falantes. Dessa forma, o presente trabalho objetiva fazer uma breve compilação dos dados linguísticos e verificar as equivalências da forma de registro dos levantamentos lexicais realizado por dois autores, um bávaro do século XIX e outro brasileiro do século XX. Esses dados fazem parte de um trabalho em andamento para verificar a construção de um sistema fonético preliminar do Karipuna. As fontes são: Martius (1863), Rondon e Faria (1948). A primeira fonte registrou 4 páginas de palavras em duas colunas: Latim e Karipuna. Da segunda fonte, foi Faria quem registrou 10 páginas também em duas colunas: Português – Karipuna, no ano de 1927. Trabalharemos com o suporte de fontes históricas e linguísticas de Noronha (1768 [1862]), Keller (1874), Cardus (1886) e de Manson (1950) para explicar o pertencimento linguístico do Karipuna. Será acrescentada uma coluna de léxico do Huni Kuꞌ (conhecido na literatura como Kaxinawá, que também é da família linguística Pano, a partir de dados de nossa pesquisa) para encontrar, indicar e esclarecer as equivalências entre as formas de grafar usadas pelos autores para registrar o Karipuna. Assim, buscaremos entender alguns dos símbolos gráficos utilizados pelos autores (um bávaro e o outro brasileiro) para o registro das palavras, e, por fim, poder realizar um esboço fonético inicial do Karipuna. A nossa hipótese é que os dados apresentados por Martius (1863) e Faria (1927), um do século XIX e outro do início do século XX, são de um Karipuna pertencente à família linguística Pano, diferente do Karipuna atual que pertence à família Tupi.

Os dados principais são: a) MARTIUS, Dr. Carl Friedr. Phil. Von. **Glossaria Linguarum Brasiliensium**. Beiträge zur Vol. II Zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Sprachenkunde. Erlangen. Druck Von Junge & Sohn, 1863; e b) **Vocabulário dos índios Caripuna (E'LOÉ)**, do Rio Madeira, organizado com o concurso do índio Vicente Bocamuller da tribo Caripuna. Registrado por J. Barbosa de Faria, na localidade: Colônia Indígena “Rodolfo de Miranda” [rio Jamari] 24 de janeiro de 1927 (pp. 163 a 174). Como já dissemos, serão acrescentados dados do Huni Kuꞌ e alguns léxicos do Kaxarari, para encontrarmos cognatos e podermos estipular as possibilidades. Assim, este texto se organiza da seguinte forma: uma breve exposição da composição ao grupo que pertence o Karipuna, de acordo com os registros históricos de Cardus (1886), Keller (1874) e Manson (1950); algumas palavras sobre o sistema de registro utilizado em Faria (1927), como introdução do que poderá ser encontrado em Martius (1863) e Faria (1927); Glossário Latim-Karipuna de Martius; Glossário Português-Karipuna de Faria. Seguiremos uma metodologia já realizada em Kaxinawá 2011: “Confrontando Registros e Memórias Sobre a Língua e a Cultura Huni Kuin: De Capistrano de Abreu aos dias atuais”. Os resultados com a especificações dos diacríticos utilizados, tabelas com

² Gostaríamos de agradecer a leitura atenta realizada pelos pareceristas, cujas sugestões ajudaram sobremaneira a explicitar melhor o objetivo deste nosso trabalho.

realizações dos grafemas com as respectivas vogais e hipótese de grafemas com fones e distribuição fonotática tanto de Martius (1863) quanto de Faria (1927). Para seguir com nossa hipótese de estabelecimento de uma correspondência de fones a partir de um conjunto de dados escrito não em símbolos fonéticos, será apresentado um quadro com breve comparação de itens lexicais de Karipuna – Huni Kuĩ e Kaxarari, e buscaremos estabelecer a hipótese preliminar de possíveis fones vocálicos e consonantais; por fim, serão apresentadas as tabelas consonantal e vocálica a partir dos dados apresentados. Chegamos à conclusão de que os dados apresentados pelos dois autores são realmente de um Karipuna da família linguística Pano, pois apresentam muitos cognatos com o Huni Kuĩ e Kaxarari. Dividiremos o artigo em duas seções: a primeira contendo a referência histórica e a segunda com os dados linguísticos.

DADOS HISTÓRICOS DO KARIPUNA PALHETA (1723)

As primeiras informações sobre os Pamas e Kavaripunas são do Sargento-Mor Francisco de Melo Palheta (1723). Segundo Pinto (1986), no Anexo II, “Narração da viagem e descobrimento que fez o Sargento-Mor Francisco de Melo Palheta no rio da Madeira e suas vertentes... desde 11 de novembro de 1722 até 12 de setembro de 1723. Reynado do senhor Dom João 5º”, os Apamas habitavam próximos de uma cachoeira “tão terrível e tão monstruosa e horrível” (PINTO, 1986, p. 323). Depois de alguns dias, a comitiva de Palheta encontrou o “porto do gentio Cavaripuna” (PINTO, 1986, p. 326), onde encontraram 6 pessoas, e a comitiva tratou de procurar o “principal desse povo”.

NORONHA (1768)

Depois, as informações históricas sobre os Karipunas datam de 1768, do Vigário Geral do rio Negro, José Monteiro de Noronha, no livro “Roteiro da viagem da cidade do Pará, até as últimas colônias do Sertão da Província”, publicado em 1862, são importantíssimas na descrição de alguns povos encontrados ao longo dos rios Mamoré e Madeira. Noronha cita que na junção dos rios que vem da Bolívia (Madre de Dios) e Mamoré havia muitos cacacos nativos. E diz que: “Há no rio da Madeira muito cação, e gentio, cujas nações mais conhecidas, e distintas, são: **Pama**, Turá, Matanawi, Orupá, Tocumã, Mami, **Cauaripuná**, Yuquy; Yauaretiuara”³ (NORONHA, 1863, p. 30). Assim, o autor já apresenta duas etnias (Pama e Cauaripuná) pertencentes a um grupo Karipuna, da família linguística Pano, como será visto a seguir com Armentia (1888), Cardus (1886) e Manson (1950).

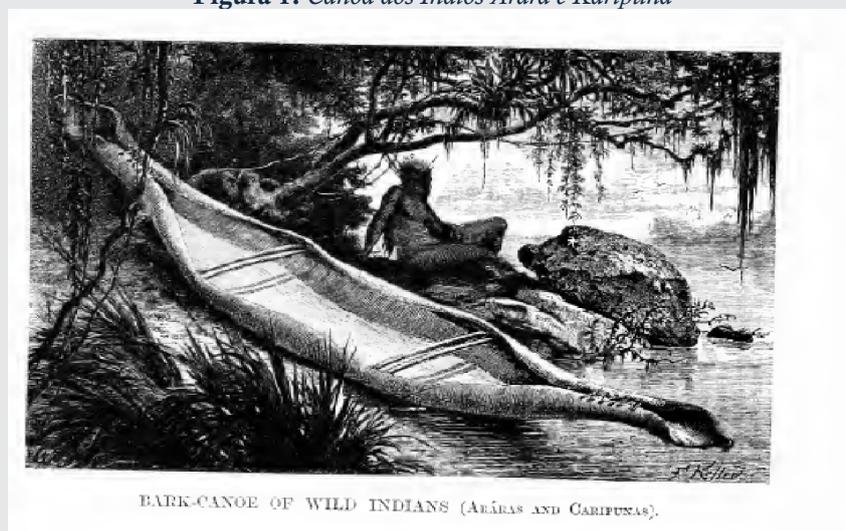
FRANZ KELLER (1874)

Franz Keller, um engenheiro contratado para medir a potência das correntezas e das cachoeiras entre Porto Velho a Guajará-Mirim, fez um importante registro sobre os Karipuna, no livro publicado em 1874. Apresentou também algumas gravuras e desenhos interessantes sobre os Karipuna, das quais apresentamos apenas duas: uma sobre

³ Grifo nosso.

um tipo de canoa e o desenho da cabeça de um Karipuna. O tipo de canoa é citado por Cardus como de uso corrente pelo grupo Pakawara. Quando Keller passou pela região, entre os diversos registros, ele diz que: “A horda dos índios Caripuna tem estabelecido a base na vizinhança [da Cachoeira Caldeirão do Inferno]...”⁴ (1874, p. 48). Isso confirma os dados já apresentados por Noronha (1768), no início do texto.

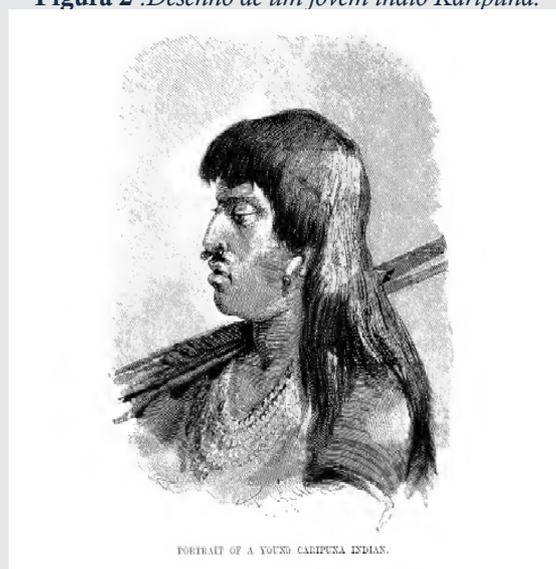
Figura 1: *Canoa dos Índios Arara e Karipuna*



Fonte: Keller (1874, p. 116)

Essa canoa feita de casca de árvore é muito citada pelos viajantes que passaram pelo rio Madeira. Além de contar que, em todo trecho de cachoeira, esses viajantes sempre contavam com o “suporte” dos indígenas que moravam nas imediações para poderem atravessar os trechos de correntezas e cachoeiras. O Império português chegou a montar alguns postos quase que fixos nos trechos das cachoeiras para tentar organizar a passagem dos barcos (ver PINTO, 1986).

Figura 2 : *Desenho de um jovem índio Karipuna.*



Fonte: Keller (1874, p. 122)

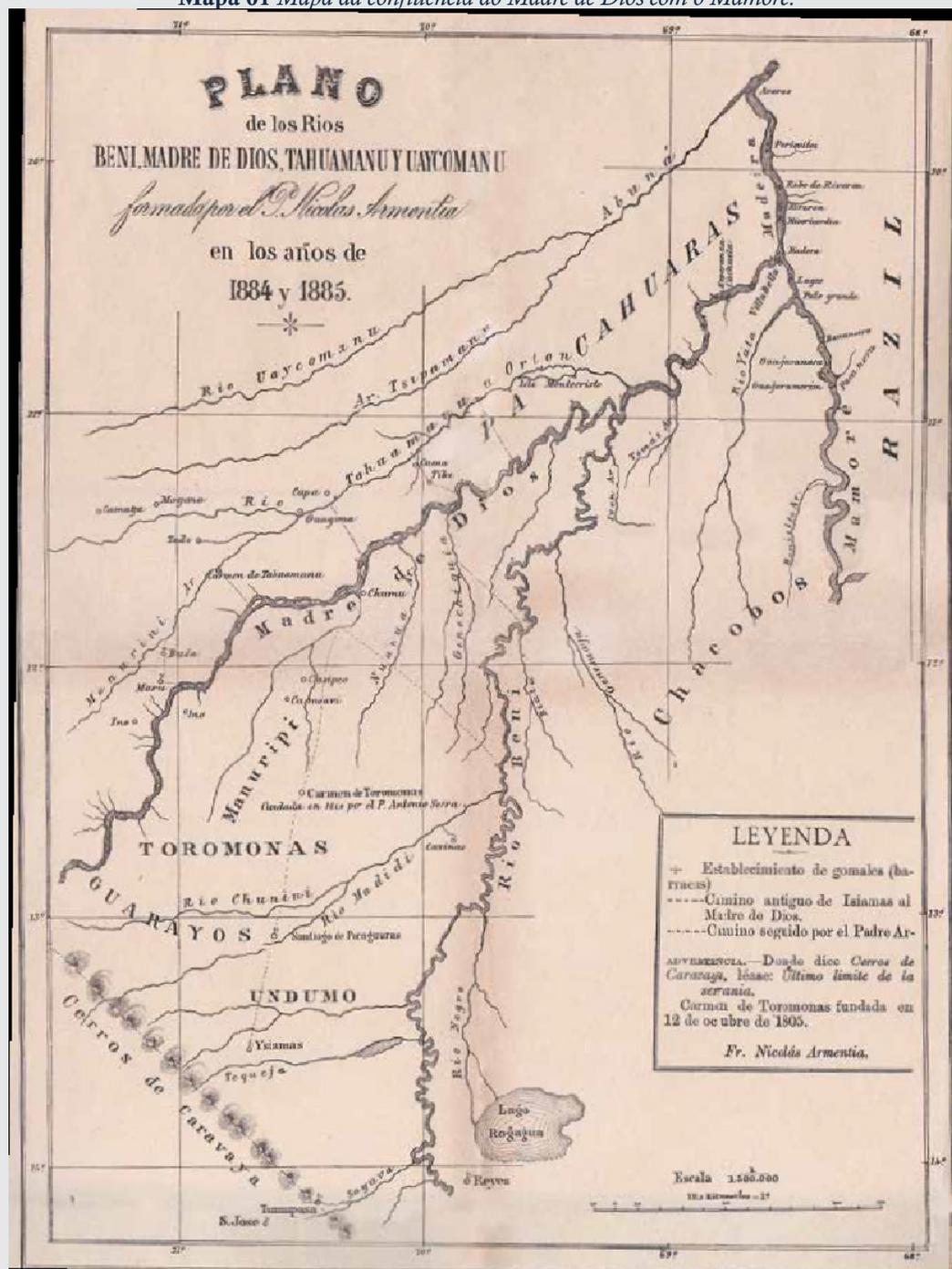
⁴ “A horde of Caripuna Indians have settled in the neighborhood.” *Tradução nossa.* “The Caldeirão do Inferno, the next cachoeira or rapid above the Caripuna sheds, is one of the worst of the whole range, not so much on account of its height as of the trouble and dangers of its passage.” (KELLER, 1874, p. 49)

A partir das informações históricas, verifica-se que os Karipuna estavam localizados nas imediações das primeiras cachoeiras da região de Porto Velho subindo o rio Madeira para a região do rio Mutum Paraná. No entanto, um dos seus vizinhos era povo Tupi-Kawahib. Esse fato será crucial para entender o status atual do povo Karipuna.

ARMENTIA (1884/1885)

Vejam os mapas de Armentia (1884/1885), o qual mostra, especificamente, dois povos Chacobos e Pacaguaras, respectivamente, ao longo dos rios Beni e Mamoré, e Madre de Dios e Abunã.

Mapa 01 Mapa da confluência do Madre de Dios com o Mamoré.



Fonte: CHAVARRÍA MENDOZA; RUMMENHÖLLER; MOORE, 2020, p. 234

Seguindo a fluência natural do rio coletor, o Rio Mamoré, ao receber as águas do rio Madre de Dios, passa a ter o nome de rio Madeira. E após a desembocadura do rio Abunã no Madeira, situava-se parte do território dos Karipunas. Uma informação importante é que justamente na confluência do rio Madre de Dios com o rio Mamoré é que Hankel encontra uma das últimas referências sobre os Karipunas na década de 1940-50 (ver final do artigo).

CARDUS (1886)

Segundo Cardus (1886), a etnia Karipuna faz parte de um grupo que ele denominou de grupo Pacaguara. Neste grupo, estão os Chacobos, os Sinabos, os Pacaguaras. Apesar de não descrever textualmente sobre os Karipuna, Cardus afirma que fazem parte do grupo Pacaguara. Cardus foi missionário franciscano nos aldeamentos da região da Bolívia, a partir da metade do século XIX. E, para escrever as memórias das missões franciscanas, utilizou relatos dos demais missionários, viajantes, missões oficiais de fronteira que estiveram antes na região, bem como muitas informações de D'Orbigny (1839), Armentia (1888).

Los pacaguaras están esparcidos en una grande extensión de terreno, pero divididos en pequeñas fracciones, distantes unas de otras, y con diferentes nombres, como chacobos, sinabos, capuibos, **caripunas**⁵, etc. Los que se conocen como pacaguaras se encuentran en ambas márgenes del río Beni, en ambas márgenes de la parte baja del Madre de Dios, y en casi todo el territorio comprendido entre el ángulo que forman el Beni y el Madera hasta el Purus, tirando una línea recta. Tienen lengua propia, que varía algo según las fracciones (CARDUS, 1886, p. 291).

Cardus (1886, p. 308) tece alguns comentários para a língua Chacobo, da família, dizendo que tem um “i” gutural, vogais nasais, um “a” e um “e” muito fechadas”, e a “i” francesa. Os traços das vogais nasais e do “i” pronunciado tal como os franceses, parece ser recorrente nas línguas da família Pano. E continua:

La lengua *pana* es la que hablan los indios *panos*, que se extienden por el río Ucayali, en el Perú. Aunque en Bolivia no se habla dicha lengua, punto la muestra de ella por ser como la madre de los dialectos ha hablan los chacobos, sinabos, **caripunas**⁶, pacaguaras y otros (CARDUS, 1886, p. 308).

Em relação aos dados coletados por Cardus, ele enfatiza que:

A fin de haver más completa la presente muestra, no tengo inconveniente ningun en decir que he copiado las palabras de varias lenguas que personalmente ó no he oído, ó no he podido apuntar, y que he encontrado en tres obras que muy casualmente y con mucha dificultad han podido llegar a mis manos. Las lenguas de los Guaicurús, Guatoses, Bororóses, Guanans y Panos, se mal no recuerdo, las he copiado de la obra de Castelnau; las de los Machigangas y Huachipairis las he sacado de una obrila que publicaron los peruanos que fueron á explorar

5 Grifo nosso.

6 Grifo nosso.

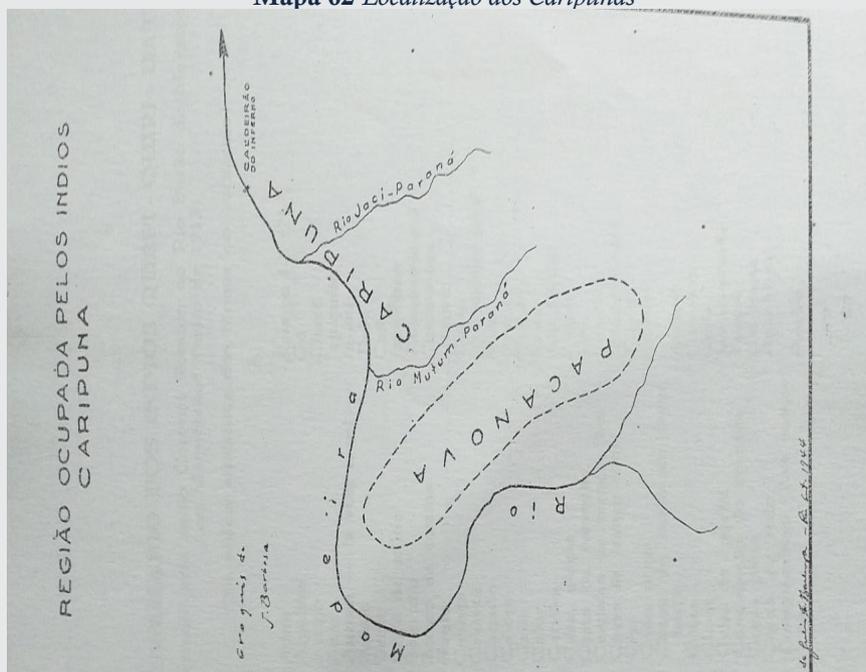
las cabeceras del rio Madre de Dios; la Guarani, Itenes, Pacaguara, Paiconeca, Otuquis, Sarabeca y Zamuca, son las mismas y tal como están en las obras de M. D'Orbigny. De modo que dicha muestra, insignificante como es, será tal vez la más completa que en Bolivia se pueda encontrar, y que, á no dudarlo, servirá para ilustrar y determinar mejor los datos etnográficos que en las noticias anteriores he consignado (CARDUS, 1886, p. 306).

Ou seja, Cardus tinha acesso aos principais textos produzidos pelos viajantes e missionários sobre os povos que ficavam nas imediações do que é hoje a região entre os grandes cursos dos rios que ficam nas fronteiras do Paraguai, Brasil e Bolívia.

RONDON E FARIA (1948)

Vejamos a localização segundo Barbosa [de Faria], em Rondon e Faria (1948), que situam o Karipuna entre os rios Mutum Paraná e Jaci-Paraná, em direção à antiga cachoeira Caldeirão do Inferno, fazendo divisão com a etnia “Pacanova”, que são os Wari’ (família Txapakura).

Mapa 02 Localização dos Caripunas



Fonte: Rondon e Faria.

RELATO DO PERTENCIMENTO LINGUÍSTICO DO KARIPUNA A PARTIR DE MANSON⁷

Manson, em 1950, divide o grupo Pano em pontos cardeais, assim o *Pano Sudeste* é geralmente conhecido como *Pacaguará* (Pacawara, Pakavara). O consenso é que o grupo *Pacaguará* consiste de quatro línguas, das quais as inter-relações não são propostas. Estas quatro são *Chacobo* (*Tschakobo*), *Caripiná*, *Capuibo* (*Kapuibo*), e *Siinabo*; a posição deste último ainda era indefinida em 1950. O *Caripiná* (*Karipiná*) ou *Jau-navo* (*Jaûn-Avô*) é dividido em sub etnias, o *Jacariá* (*Jakariá*, *Yacarie*, *Jacaré-Tupuÿa*, *Yacaré-Tapuuya*) e o *Pama* (*Pamaná*) (MANSON, 1950, p. 267).

⁷ Nossa opção é registrar como Karipuna. No entanto, quando se tratar do registro de cada autor citado, deixaremos tal qual foi escrito por eles. Assim, aparecerão formas divergentes de grafar o Karipuna.

Em seguida, Manson apresenta um esquema com a possível classificação do Pano Sudeste (MANSON, 1950, p. 269), porém o autor não colocou as sub etnias, tais como apresentado na página 267, por isso, as colocaremos entre colchetes:

A. Pacawará

1. Chacobo

2. Caripuná (Jau-navo)

a. Jacariá

i. [Jakariá

ii. Yacarie

iii. Jacaré-Tupuya

iv. Yacaré-Tapuuya]

b. Pamá (Pamaná)

3. Capuibo

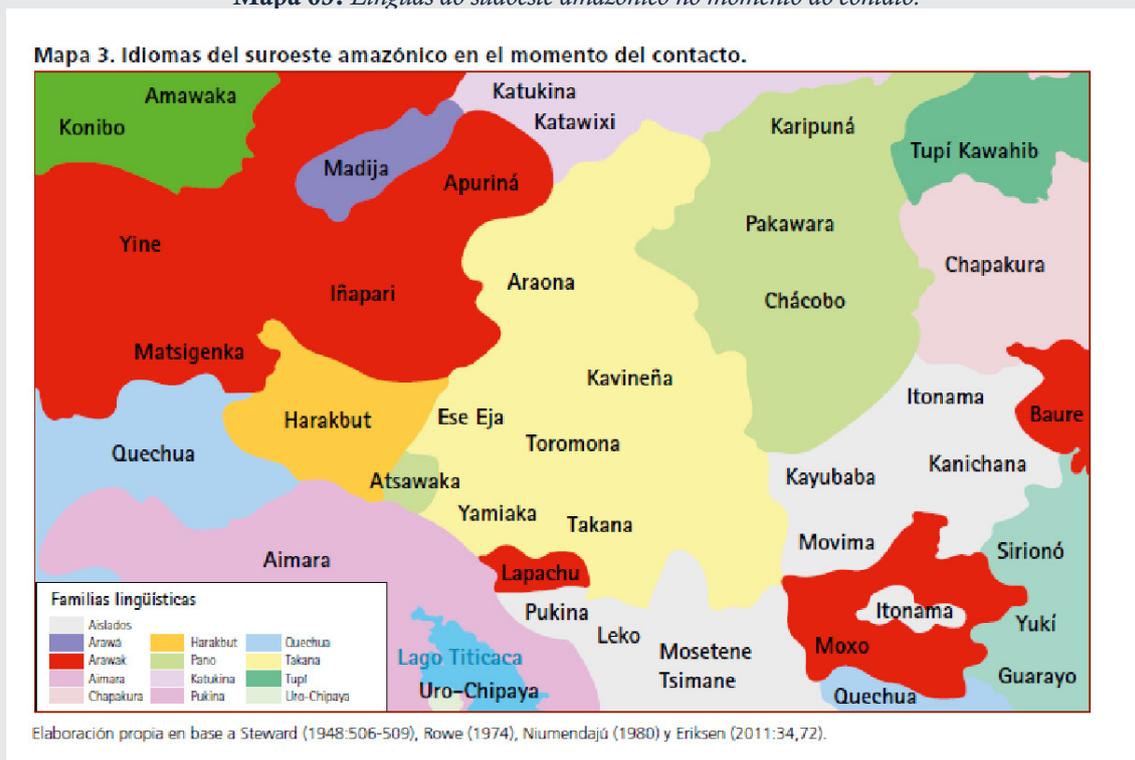
4. Sinabo

B. Zurina (?)

Na nota de rodapé, Manson (1950, p. 269) apresentou as fontes consultadas para o estabelecimento do [grupo Pano] Sudeste: para a etnia *Pacawará*, Manson consultou os dados em Armentia, 1888, 1898; Heath, E., 1883; Orbigny, 1839, 1:164; Rivet, 1910b. Para a etnia *Chacobo*, Manson consultou Cardus, 1886, p. 315; Nordenskiöld, 1911b, pp. 230-240; Pauly, 1928, p. 139. Para a etnia *Caripuna*, Manson consultou Keller, Fr, 1874, pp. 158-159; Martius, 1867, 2:240-242; Pauly, 1928, p. 143.

A seguir, apresentamos um mapa com a posição e a extensão das etnias agrupadas por cor; cada cor representa uma família linguística. Nesse mapa, verifica-se que o Karipuna está em uma extensão contínua dos Chácobo e Pacawara. Em direção Sul e Sudeste, faz fronteira com Kayubaba e Itonama, a Leste com Chapakura e Tupi Kawahib. Se compararmos o mapa 1 com o mapa 3, veremos que as etnias Chácobo, Pakawara e Caripuna estão na confluência dos rios Madre de Dios, Mamoré e Madeira.

Mapa 03: Línguas do sudoeste amazônico no momento do contato.



Fonte: Chavarría Mendoza; Rummenhøller; Moore, 2020, p. 54.

SEÇÃO: OS DADOS LINGUÍSTICOS

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O REGISTRO DE DADOS DA LÍNGUA KARIPUNA

Feitas as observações sobre o aspecto histórico, agora, para ajudar a esclarecer e a leitura dos dados que seguirão, faremos uma breve exposição de alguns símbolos utilizados em Faria que serão úteis para ler os dados tanto em Faria quanto em Martius. Veremos alguns sinais utilizados e formas de registro, oposição por posição acentual, formas idênticas para indicar palavras com significados próximos ou similares, e alguns empréstimos encontrados.

NO LÉXICO PORTUGUÊS - CARIPUNA DE FARIA

João Barbosa de Faria (1878-1941) fazia parte da Comissão Rondon e fez vários registros enquanto esteve na Colônia Indígena “Rodolfo de Miranda”, no rio Jamari, no dia 24 de janeiro de 1927, com o auxílio “índio Vicente Bocamuller da tribo Caripuna”. Faria registrou o Karipuna como E’Loé. Há dois momentos em que Faria anota o conjunto de dados lexicais: um primeiro momento: a) da página 119 a 162, sob o título “Glossário N. 2”; e b) das páginas 163 a 174. Nossas observações serão sobre esse conjunto de dados do grupo b)⁸.

A Colônia Indígena era uma base do antigo Serviço de Proteção aos Índios que ficava no rio Jamari, Rondônia, próxima à capital Porto Velho. Nessa Colônia, estavam presentes povos de várias etnias de Rondônia, tais como Karipuna, Ariqueme, Jarú, Ka-

⁸ Há pequenas diferenças entre esses dois registros que, possivelmente, deva ser por motivos tipográficos, principalmente no uso de diacríticos. Mas nada que modifique ou que mude a nossa proposta.

ritiana. Em relação à forma de escrita, faremos algumas observações iniciais, antes de apresentar dados de Martius (1863) e Faria (1927).

SÍMBOLOS UTILIZADOS

Veremos que Martius (1863) e Faria (1927) utilizaram alguns diacríticos para marcar a especificação auditiva dos sons. Assim, trataremos brevemente sobre alguns dos diacríticos utilizados, tais como: sinais de duração vocálica, formas de registros: homógrafo e homófono, oposição por posição acentual, formas idênticas e similares que possuem significados semânticos próximos, e empréstimos.

USO DO DIACRÍTICO < ˘ >

Uma forma de registro adotado foi o que resolvemos chamar de diacríticos: acento tônico, agudo, til, circunflexo. Faria (1927) utilizou um diacrítico indicado para marcar uma vogal breve, denominada *braquia*, usada para, por exemplo, a língua Latina, que tinha oposição fonológica entre vogais longas e vogais breves. No entanto, conforme as Convenções Adotadas para a publicação do Glossário, esse diacrítico “corresponde aos sons fortes e longos de sílabas tônicas”: <ě> (RONDON; FARIA, 1948, p. 11).⁹

Tabela 01 – *Diacrítico de sons fortes e longos*¹⁰

CARIPUNA	PORTUGUÊS
Cenuĩ	Clava
Pucě	Luz
Xecũ	Preto
Quĩmamá	Saber

Diferentemente da função desse diacrítico para a língua Latina, Faria (1927) utilizou este diacrítico como um recurso para marcar a pauta musical, em nosso caso de proeminência acentual, de sílaba mais forte e longa <ě>. Assim, a interpretação, no caso dos três primeiros dados, indica que, nas palavras dissilábicas, a proeminência será na oxítone.

No caso do quarto dado, utilizou-se um duplo recurso: o da marcação da vogal forte e longa, seguida da sílaba sem marca de alguma proeminência acentual <a> e, por fim, da última sílaba com a marca do acento agudo <á>, indicando a proeminência acentual na oxítone.

FORMAS DE REGISTRO

Quando se organizam os registros da modalidade Português-Caripuna, verifica-se o mesmo registro lexical em Karipuna para dois significados em Português, então temos uma mesma forma (homógrafo) e o mesmo som (homófono), oposição por posição acentual, formas idênticas ou similares para significados semântico próximos.

⁹ Conferir as Convenções na seção 4.

¹⁰ Diferentemente do que foi exposto nas Convenções do Glossário, há pequenas diferenças nos registros lexicais do grupo a (página 119 a 162) para o grupo b (163 a 174). O diacrítico convencionado para indicar “sons fortes e longos” foi trocado pelo acento agudo, como em *xecú*, *cenuĩ*, e uso do acento circunflexo para *pucê*.

MESMO REGISTRO: HOMÓGRAFO E HOMÓFONO?

Algumas entradas lexicais apareceram com a mesma forma de escrita para significados diferentes. Vejamos:

Tabela 02: *homógrafo e homófono?*

Caripuna	PORTUGUÊS
Acá	Fazer
Acá	Fumo
Aná	Beiju
Aná	Deixar
Çáu	Clavícula
Çáu	Genro
Çáu	Osso
Iuí	Arraia
Iuí	Madeira
Iuí	Vara
Namá	Bravio
Namá	Sonhar
Tetáu	Ilha
Tetáu	Nuca
Uicô	Bicho de pé
Uicô	Coxa
Uindeá	Chorar
Uindeá	Remar
Xamá	Chefe da tribo
Xamá	Corredeira
Xamá	Onda
Xecũ	Onça preta
Xecũ	Sujo

Faria (1927) registrou várias formas idênticas em Karipuna para dois referentes, por exemplo: em *acá*, os dois referentes não são do mesmo campo semântico. Já em *iuí*, os três referentes podem participar de um mesmo campo semântico: na ‘arraia’, poderia significar a parte pontuda do ferrão; em ‘vara’, poderia fazer referência a parte comprida; e em ‘madeira’, poderia fazer referência à sua forma.

OPOSIÇÃO POR POSIÇÃO ACENTUAL: DE OXÍTONA PARA PAROXÍTONA

Outra forma de registro encontrada foi a de oposição por marcação acentual: diferença entre as mesmas palavras com acento oxítono para palavras com acento paroxítono. Vejamos:

Tabela 03: *Oposição acentual*

Aiá	Feitiço
Áia	Sogra
Amá	Pisar
Áma	Flauta

Caá	Andar
Cáa	Viajar
Çáu	Jaboti
Çáu	Clavícula
Çáu	Genro
Çáu	Osso
Ia	Imitar
Ia	Piolho
Iá	Amigo
Noorê	Índio
Nôorê	Gente
Puí	Primo
Púi	Irmã
Uiá	Falador
Úia	Falar

Em alguns dados, Faria (1927) encontrou oposição em até quatro formas diferenciadas apenas por posição acentual, como foi o caso de *çau*, ou até manutenção da mesma posição acentual para indicar significados diferenciados, tal como em *çáu* e *ia*.

Faria também fez o registro em que hipotetizava a oposição por duração, nos dados a seguir:

Tabela 04: *Oposição por duração?*

Áma	Flauta
Amá	Pisar
Amáa	Machucar
Aná	Beiju
Aná	Deixar
Anaá	Vomitar

O autor também registrou, além de alguns símbolos, duas vogais juntas, que podem ser entendidas como vogal longa resultado da proeminência acentual, ou então para indicar que são duas sílabas e não apenas uma, como ocorre na palavra para ‘jaboti’, separada pelo próprio Faria (1927):

Çáu – çá.ú = jaboti

FORMAS IDÊNTICAS OU SIMILARES QUE POSSUEM SIGNIFICADOS SEMÂNTICOS PRÓXIMOS

Em outras entradas lexicais, Faria utiliza formas idênticas ou similares para indicar o mesmo referente, ou referentes similares, ou seja, para significados com proximidade semântica. Vejamos:

Tabela 05: *formas idênticas ou similares*

Abasquên	Sombra
Abasquên	Noite
Ceah’á	Beber
Ceh’áá	Engolir

Euatê	Avó
Euatê	Tio
Euatê	Velho
Haná	Boca
Haná	Língua
Macũ (?)	Pacu (V. piranha)
Macũ (?)	Piranha (V. pacu)
Maxenê	Praia
Maxinê	Areia
Napáta	Palma da mão
Napáta	Planta do pé
Nepú	Brasa
Nepú	Paus ingnígneos
Noorê	Índio
Nôorê	Gente
Pabeá	Brincar
Pabeá	Dançar
Ponô	Pelo
Ponô	Veia
Quêma	Ter saudade
Quêma	Triste
Rabuí	Companheiro
Rabuí	Dois
Tah'ê	Pé
Tah'ê	Perna
Xará	Abelha
Xará	Marimbondo

Por exemplo, no primeiro par de dados, a única diferença está entre o uso do diacrítico circunflexo versus o diacrítico til. Nos dados para 'praia' e 'areia', a diferença suspeita entre os dois dados é apenas uma vogal: 'e' para 'i'. Nos dados 'ter saudade' e 'triste', a diferença foi entre o diacrítico circunflexo e o diacrítico de vogal breve, braquia.

EMPRÉSTIMOS

Também apareceram entradas lexicais emprestadas ou do Português ou do Espanhol, tais como:

Tabela 06: *Empréstimos*

Cana	Cana de açúcar
Cuxára	Cuia
Pinhun	Mosquito

Dessa forma, o primeiro exemplo é da língua portuguesa, o segundo exemplo é um empréstimo do espanhol e o terceiro é de um português regional.

BREVE GLOSSÁRIO LATIM-CARIPUNA, MÁRTIUS 1863

Como dissemos na apresentação, os dados para este trabalho foram compilados do etnólogo bávaro que viajou nos interiores do Brasil, coletando materiais sobre as etnias indígenas. Os materiais foram publicados no livro **Glossaria Linguarum Brasiliensium**. Beiträge zur Vol. II Zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Sprachenkunde. Erlangen. Druck Von Junge & Sohn, 1863, páginas 240-242. O vocabulário original está em Latim – Caripuná, composta em quatro páginas com duas colunas para cada página, cujo título é “JAUN-AVO vulgo CARIPUNÁ”. Para esta versão, será acrescentada uma coluna para a tradução das palavras do Latim para a língua Portuguesa. A tradução do Latim foi feita com o suporte de Saraiva (1993) e Torrinha (1942).

Seguiremos uma metodologia já realizada em Kaxinawá 2011: “Confrontando Registros e Memórias Sobre a Língua e a Cultura Huni Kuĩ: De Capistrano de Abreu aos dias atuais”. Neste trabalho, Kawiwaná problematiza as equivalências de registro escrito do Huni Kuĩ feito por Capistrano de Abreu (1914), a partir do trabalho de Cristino (2006).

Observação: para efeito de apresentação neste artigo, utilizaremos apenas uma amostra do vocabulário de 160 entradas lexicais. Em outra oportunidade, faremos a apresentação do vocabulário completo, tanto de Martius (1863), quanto de Faria (1927).

Tabela 07: Vocabulário JAUN-AVO vulgo CARIPUNÁ

LATIM	PORTUGUÊS	CARIPUNA
Albus, a, um	Branco, pálido, claro	Osso
Brachium	braço	Punja
Canis	Cão	Tschaspa
Capillus	Cabelo	Voôn
Caput	Cabeça	Mápo
Cervus	Veado	Tschassú
Colibri	Beija-flor	Pinna
Crocodylus	Crocodilo	Kapúena
Cunectes murinus (sucuriuh)	Sucuri verde	Runoá
Dasypys	Tatu galinha	Panoá
Felis	Gato	Kăman püska
Felis onça	Onça	Kămán
Femina	Mulher	Jussa
Fêmur	Coxa, fêmur	Kisché
Filia	Filha	Jussa-wákô
Filius	Filho	Wákô
Gramen	Gramma, relva	Guassi
Ignem accendere	Acender o fogo	Tschü uva ué
Ignis	Fogo	Tschü
Infans	Criança	Wakô-pünska
Luna	Lua	Urschě
Macaco bugiu (myeetes)	Macaco Bugiu	Uróo
Macaco coatá (ateles paniseus)		Issu

Macaco prego (<i>cebus fatuellus</i>)	Macaco prego	Schino
Maidis farina	Farinha de milho?	Sökö mútu
Mancioccae farina	Mandioca	Atza mútu
Musae fructus	Banana	Canna puōra
Níger, a, um	Negro, negra [escuro?]	Tschekö
Non canto	Não canto	Pavê iáma nikana ea
Ovum	Ovo	Vatsché
Pater	Pai	Papa
Perizoma	Cinto	Zeresbe
Perizoma muliebre	Cinto feminino	Jui schenebú
Pés	Pé	Taé
Psittacus Canindé	Arara Amarela	Cännã
Psittacus maçã	Arara Vermelha	Sauánã
Sanguis	Sangue	Imi
Sol	Sol	Baari
Tabacum	Tabaco	Rúmoe
Tapirus	Anta	Au-ána
Telum pyrium	Arma de arremeço	Toété
Terra	Terra	Maai
Tonitru	Trovão	Terénke
Tugurium	Cabana	Schróba
Unguis	Unha, casco	Mué-tsis
Vir	Homem	Uni
Zea mais	Milho	Schröki

BREVE GLOSSÁRIO CARIPUNA-PORTUGUÊS DE FARIA

Vocabulário dos índios Caripuna (E'Loé), do rio Madeira, “Organizado com o concurso do índio Vicente Bocamuller da tribo Caripuna”. Registrado por J. Barbosa¹¹, na localidade: Colônia Indígena “Rodolfo de Miranda” [rio Jamari] 24 de janeiro de 1927 e publicado por Rondon e Faria em 1948 (pp. 163 a 174), totalizando 502 entradas lexicais. Para este trabalho, realizamos um pequeno ajuste no vocabulário original, colocando não por campos semânticos, mas por ordem alfabética.

Na apresentação do Glossário há “Convenções Adotadas Nesta Publicação n.º 7”. Entre essas conveções, citamos:

- “II - Nos vocábulos em que aparece o trema sobre as vogais (i) e (u) quer isto significar que a pronúncia é longa e aspirada, sendo, no caso do *u* com som aproximado do *u* da língua francesa” (p. 11).

- “IV – A acentuação que aparece, aplicada a vogais, em alguns vocabulários, como a do *e* de palavra *oquet* (V. Vocab. Quêpikiuriuáte, fls. 3, na versão das palavras portuguesas: filho e filha), corresponde aos sons fortes e longos de sílabas tônicas¹²” (p. 11).

11 Apesar de na página 163 constar apenas a referência do nome “J. Barbosa”, o nome do autor é João Barbosa de Faria. [Nota nossa]

12 A Convenção refere-se ao diacrítico <˘> em *oqu*□t. [Nota nossa]

- “V - A interrogação entre parêntesis indica dúvida do próprio organizador do vocabulário, ou por ter colhido palavra diferente do idioma com a mesma significação, ou por não confiar na pronúncia do índio de quem ouviu o termo” (p. 11).

- “VI – O *r* sublinhado, no começo das palavras, indica o som brando desta letra, tal qual é pronunciada quando escrita no meio dos vocábulos (aro, caro, era)” (p. 11).

Colocamos uma amostra do vocabulário em Português e em Karipuna.

Tabela 08: *Vocabulário Caripuna, de Faria (1927)*

PORTUGUÊS	KARIPUNA
Abelha	Xará
Anta	Auá
Aranha (e lacraia)	Xinaçú (?)
Arara vermelha	Cana
Arara vermelha (V. ave)	Içá
Avô	Çaitá
Braço	Punhan
Branco	Oçô
Caldo	Henê
Capim	Auací
Capivara	Amón
Corda, fio	Ricibí
Coxa	Uicô
Coxo	Técá
Cuia	Cuxára
Cuspo	Quemú
Descascar	Çucá
Dia	Çabá
Dormir	Uçá
Espírito	Iúcin
Espuma	Bacôço
Filha	Uiçabóc
Filho	Abaquí
Fogo	Xí
Galho	Tespá
Genipapo	Nanê
Gordura	Çuní
Homem	Unê
Ingá	Cená
Intestinos	Pocú
Irmã	Púi
Irmão	Uetá
Lábios	Quěbi
Lagarto	Xěná
Língua	Haná
Lua	Ūcê
Macaco	Xinu

Macaco-coatá	Içú
Mandioca	Atço
Mão	Moquên
Marido	Ebonê
Mato	Nih'í
Mel	Abáta
Milho	Coqui
Milho	Çuquí
Míngau	Buetan
Nariz	Raquin
Ninho	Nahá
Novo	Vaque
Olho	Buerú
Onça parda	Camã ápice
Onça pintada	Camã
Osso	Çáu
Ovo	Abati
Paca	Anú
papagaio	Abóua
Pato	Nõnõ
Pé	Tah'ê
Pedra	Çaçú
Peixe	Uacá
Pele	Ibiti
Pente	Vostê
Perto	Obacima
Pescoço	Těcá ¹³
Pica-pau	Ebuin
Plantar	Abaná
Por	Matêa
Praia	Maxenê
Quati	Xixá
Queixo	Queui
Rã	Xaqui
Rede	Nixí
Remanso	Nôa
Roça	Uái
Sapo	Eú
Seco	Çuçí
Sol	Bari
sucuriú	Urunoá
Surubim	Băuin
Tamanduá bandeira	Çah'ê
Tamanduá mirim	Biuí

13 Nossa suspeita é de que especificamente aqui houve um problema de tipografia, pois, a partir dos cognatos, será visto que deveria ser “Tě cá”. [Nota nossa].

Tatu canastra	Panúa
Terra	Mái
Tocanguira ¹⁴	Abuná
Tremer	Çaquí
Tribo (V. parente)	Áunabo
Triste	Quêma
Trovão	Caná
Tu	Ea
Veado	Xaçũ
Vértebras	Cate

RESULTADOS

Utilizaremos uma descrição dos resultados da seguinte forma: diacríticos utilizados, a pauta silábica, realizações dos grafemas com as vogais, se há vogais com segmento nasal, e distribuição fonotática. Depois apresentaremos uma breve comparação de registro dos itens lexicais em 5 colunas: em Português, em Karipuna feitos por Martius (1863) e Faria (1927), em Huni Kuĩ e em alguns dados lexicais do Kaxarari. Após essa comparação, serão apresentadas as modificações das grafias das vogais, para ajudar a elucidar as opções grafemáticas utilizadas pelos dois autores. Por fim, apresentaremos uma tabela de cada autor dos possíveis fones consonantais e vocálicos, e uma tabela síntese a partir das duas propostas, a de Martius e a de Faria).

RESULTADOS DOS DADOS EM MARTIUS

Veremos a utilização dos acentos, a pauta silábica, as realizações dos grafemas consonantais com as vogais, as vogais e segmento nasal e a distribuição fonotática.

DIACRÍTICOS

Os diacríticos utilizados são o acento agudo (´), circunflexo (^), til (~), macron (¯), braquia (ˇ) e trêma (¨). Segue a pauta de localização desses diacríticos diante das vogais em que foram realizadas:

Tabela 09: *Diacríticos*

	´	^	~	¯	ˇ	¨
i	+				+	+
e	+	+	+		+	+
a	+	+	+	+	+	
o	+	+	+	+	+	+
u	+	+			+	+

PAUTA SILÁBICA

Apresentamos a pauta silábica de realização do núcleo vocálico com o diacrítico utilizado para marcar vogal longa e vogal breve, nas posições silábicas que apareceram.

¹⁴ Provavelmente se refira à formiga “tocandira”.

Aqui a vogal (a) é apenas utilizada como modelo das demais posições nucleares vocálicas. Vejamos:

Tabela 10: *Pauta silábica*

1.	C	V.	C	V	#
a)		á			
b)				ă	
c)		ā		ă	
d)		ã			
e)		aa			

2.	C	V.	C	V	C
a)		ã			
b)				á	

A tabela 10 mostra que os diacríticos utilizados não são restritos a uma posição na pauta silábica. Elas podem vir tanto no final de palavra quanto seguido de consoante. Isso nos indica que esses diacríticos podem ter várias funções, não apenas a marcação de proeminência acentual.

REALIZAÇÕES DOS GRAFEMAS CONSONANTAIS COM AS VOGAIS

Apresentamos duas tabelas com as realizações dos grafemas consonantais com as respectivas vogais:

Tabela 11: *Realizações dos grafemas consonantais com vogais 1*

	p	b	m	t	n	r	l	k	c	gw	h	j	v/w	z
i	+		+	+	+	+		+	+		+		+	
e			+		+			+	+		+		+	
ê		+	+					+	+		+			+
é	+	+	+	+	+	+		+	+				+	
a	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
ó	+		+	+		+							+	
o	+	+		+	+	+		+	+				+	
ö						+		+	+			+		+
u	+	+	+	+	+	+	+				+	+		
ü	+			+	+	+		+						

Tabela 12: *Realizações dos grafemas consonantais com vogais 2*

	ts	tz	tsch	s	ss	sch	schr	rsch	cr	sr
i	+	+	+	+	+	+			+	
e		+	+	+		+	+			
ê				+		+				
é	+	+	+	+	+	+		+		
a	+	+	+	+	+	+		+		+
ó		+			+		+			
ô					+					

ö				+	+	+	+			
u			+		+	+	+			+
ü			+							

Martius (1863) registrou 10 grafemas vocálicos no Karipuna e 22 grafemas consonantais, juntamente com duas junções consonantais, resultando em 24 grafemas consonantais.

VOGAIS E SEGMENTO NASAL

Martius (1863) grafou dados em que o diacrítico 'til' <~> comumente usado para descrever o fenômeno da nasalização, foi realizado em vogais <e, a, o>. Por outro lado, ele também apresentou as entradas lexicais com vogal seguida da coda nasal, presentes diante de todas as vogais:

Tabela 13: vogais e segmento nasal

Vogais	Segmento Nasal
i	N
e	N
a	N
o	N
u	N

DISTRIBUIÇÃO EM CODA SILÁBICO

A partir dos dados de Martius (1863), foi possível identificar apenas dois grafemas consonantais ocupando a posição de coda silábico, tanto interno quanto externo:

Tabela 14: Coda silábico

C	V	C	.C	V	C#
		n			n/m
		s			s

RESULTADO DOS DADOS EM FARIA

Veremos a utilização dos acentos, a pauta silábica, as realizações dos grafemas consonantais com as vogais, as vogais e segmento nasal e a distribuição fonotática (coda silábica) a partir dos dados encontrados em Faria (1927).

DIACRÍTICOS

Faria (1927), tal qual Martius (1863), fez o uso de quatro diacríticos: o acento agudo (´), o circunflexo (^), o til (~), o macron (¯), o braquia (ˇ) e o trema (¨). Vejamos:

Tabela 14: diacríticos acentuais

	´	^	~	¯	ˇ	¨
i	+				+	+
e	+	+	+		+	+
a	+	+	+		+	
o	+	+	+			
u	+	+	+	+	+	+

O diacrítico usado para marcar o acento agudo ocorreu em todas as vogais. Esse fato deixa claro que o diacrítico foi usado para marcar a proeminência acentual da palavra. No entanto, os demais diacríticos, tal como o circunflexo e o til foram usados para quase todas as vogais. A questão do circunflexo é interessante principalmente para futuros estudos sobre a possibilidade desse acento ser usado para abertura ou não das vogais médias. Isso porque, no grupo Pano Pakawara, não se tem a distinção por abertura das vogais médias. O diacrítico nasal é muito interessante e produtivo nas línguas da família Pano, e mereceria um trabalho específico para evidenciar se essa marca de nasalização, principalmente na parte final da palavra, é marca de funções gramaticais. Quanto ao diacrítico < ˘ > braquia, aqui, como especificado já, não é usado para distinguir vogais breves, mas sim para indicar proeminência acentual, como orientado nas Convenções da apresentação dos dados de Faria (1927).

PAUTA SILÁBICA

A pauta silábica mostra a presença da marcação do diacrítico braquia, e a utilização também de vogais geminadas, tanto em posição final quanto em pré-final.

Tabela 15: *pauta silábica*

1.	C	V.	C	V	#
a)		á			
b)		ã			
c)					
d)		aa			
e)				aa	
2.	C	V.	C	V	C
a)				ã	

Ou seja, a proeminência acentual pode variar, tanto final de palavras quanto em posição pré-final. Seria o caso de um estudo específico para hipotetizar o comportamento do padrão acentual no Karipuna e quais os condicionantes para essas variações.

REALIZAÇÕES DOS GRAFEMAS CONSONANTAIS COM AS VOGAIS

Apresentaremos apenas uma tabela da realização dos grafemas consonantais com as vogais:

Tabela 16: *Realizações dos grafemas consonantais com vogais*

	p	b	m	t	d	n	r	l	qu	g/gw	nh	tç	ç	c	s	x	z	j	v/w/ß	h
i	+	+	+	+		+	+		+				+	+		+			+	+
e	+	+		+	+	+	+		+	+				+		+	+	+	+	+
ê	+			+	+	+	+		+							+		+	+	+
ue		+							+											
a	+	+	+	+		+	+	+	+	+	+		+	+	+	+		+	+	+
o	+	+	+	+		+	+		+			+	+	+	+	+			+	+
ô						+							+	+		+				+

u	+	+	+	+		+	+					+	+			+		+		+	
ĩ												+									
ẽ	+		+	+		+	+		+	+				+	+						+
ã	+		+					+	+												
õ		+				+	+		+											+	+
ũ									+					+						+	

Verificou-se que Faria (1927) fez o uso de 20 grafemas consonantais para registrar os sons encontrados em Karipuna, e 13 grafemas para as vogais. Vale dizer que Faria (1927) fez o uso tanto do recurso de vogais nasais quanto de vogais seguidas de grafemas nasais.

VOGAIS E SEGMENTO NASAL

Diferentemente de Martius (1863), como dito anteriormente, Faria (1927) fez o uso tanto de vogais nasais quanto de vogais seguida de grafemas consonantais nasais, diante de todas as vogais:

Tabela 17: *Vogais e segmento nasal*

Vogais	Consoante Nasal
i	N
e	N
a	N
o	N
u	N

DISTRIBUIÇÃO EM CODA SILÁBICO

Tendo em vista que havia um maior quantitativo de dados em Faria (11 páginas, 502 entradas lexicais), foi possível encontrar mais exemplos de grafemas consonantais ocupando a posição de coda silábica no interior da palavra e em final de palavra:

Tabela 18: *Distribuição em coda silábico*

C	V	C	.C	V	C#
		n			n
		m			m
		s			s
		p?			k

Nossa suspeita é que o segmento < p > em coda interno não é comum na família linguística Pano e apareceu em uma entrada lexical em que não houve cognato com o Huni Kuĩ e o Kaxarari. Por esse motivo, optamos em colocar com o ponto de interrogação.

BREVE COMPARAÇÃO DE REGISTRO DOS ITENS LEXICAIS: KARIPUNA - HUNI KUÏ E KAXARARI

Com a finalidade de ajudar a esclarecer algumas questões da grafia utilizada tanto por Martius (1863) quanto por Faria (1927), apresentamos uma tabela com 36 entradas lexicais. Foram acrescentadas duas colunas: a) com o léxico em Huni Kuï (Kaxinawá), que também é da família linguística Pano; b) também se acrescentaram algumas palavras do Kaxarari, que também é da família linguística Pano. A escrita do Huni Kuï está registrada de duas formas: a) uma escrita mista em que faz o uso de alguns símbolos fonéticos, acrescentados com diacríticos para vogal tônica e nasalidade; b) e uma forma grafemática em colchetes inclinados. A escrita do Kaxarari está em símbolos fonéticos. Os dados tanto do Huni Kuï (Kaxinawá) e do Kaxarari são dados obtidos pelos autores deste trabalho com falantes nativos de cada etnia.

Tabela 19: Tabela comparativa Karipuna, Huni Kuï, Kaxarari

	PORTUGUÊS	K. MARTIUS	K. FARIA	HUNI KUÏ	KAXARARI
1	Anta	au-ána	auá	awá <awa>	awatxa
2	Arara amarela	cānnā	cana	kaná <kaná>	-
3	Arara vermelha (V. ave)	sauánā	içá	şāwa	şawali
4	Braço	punja	punhan	punjā <pūyā>	pawa
5	Branco	osso	oçô	huşú <hushu>	βakuşo
6	Coxa	kisché	uicô	kijĩ <kixi>	-
7	Filha/criança	jussa-wákö	uiçabóc	pĩĩ <pei>	-
8	Filho	wákö	abaquí	baki <bake>	-
9	Fogo	tschü	xí	tjĩ <txi>	tjĩ.i
10	Homem	uni	unê	huní <huni>	g ^w āmpi
11	Jacaré	kapúena	capê	kapi <kape>	kapiti
12	Língua	hanpa	haná	haná <hana>	hana
13	Lua	urschē	úcê	uşi <ushe>	puşi
14	Macaco (prego)	schino	xinu	şínú <xinu>	Isumã (preto)
15	Macaco-coatá	issu	içú	isú <isu>	-
16	Mandioca	atza mútu	atço	atsá <atsa>	-
17	Mão	muékana ¹⁵	moquên	mikin <mekē>	mikili
18.a	Milho	schröki	çoqui	şiki <sheki>	-
18.b	Milho		çuquí	şiki <sheki>	-
19	Nariz	erö-kin	raquin	rikin <rekĩ>	tjĩkani
20	Negro/preto	tshckö	xecũ	-	-
21	Novo/criança	wakö-pünska	vaque	biná <bena>	habĩlaki
22	Olho	buerö	buerú	birú <beru>	bitxiβi
23	Onça parda		camã ápice	tşaşú inú <txashu inu>	-
24	Onça pintada	kāmán	camã	inú kinijá <inu keneya>	inawa
25	Ovo	vatsché	abati	batjĩ <batxi>	batxi

¹⁵ Quichua: maki [Nota de Martius].

26	Pé	taé	tah'ê	taí <tae>	taí
27	Pedra	saáschu	çaçú	maşásş <mashash>	şaşu
28	Sol	baari	bari	barí <bari>	batxi
29	Sucuri	runoá	urunoá	runuwã <runuwã>	-
30	Tatu canastra	panoá	panúa	panú <panu>	yawafî (15)
31	Terra	maai	mái	maí <mai>	Mawi/maßi
32	Trovão	terénke	caná	rin <rê>	-
33	Veado	tschassú	xaçũ	tşaşú <txashu>	tşaşo (capoeira)

Essa tabela 19 será fundamental para realizarmos as hipóteses de equivalência entre os grafemas e os possíveis fones em Karipuna. Através das entradas lexicais apresentados nessa tabela, verifica-se que os dados apresentados em Martius (1863) e em Faria (1927) são de um Karipuna que pertence à família linguística Pano, pois são muito próximos tanto do Kaxinawá quanto do Kaxarari, ou seja, são cognatos. A partir de então, pode-se realizar algumas equivalências tanto vocálicas quanto consonantais, para estabelecermos nossa hipótese de equivalência grafema-fone.

COMPARAÇÃO DE VOGAIS

Iremos comparar três dados, dois do Karipuna (Martius 1863 e Faria 1927) com a do Huni Kuĩ (Kaxinawá), para realizar o esboço da equivalência e proposição de fones vocálicos. Veremos os dados de Martius e Huni Kuĩ, depois de Faria e Huni Kuĩ.

COMPARAÇÃO DE DADOS DE MARTIUS COM HUNI KUĨ

A partir dos dados, é possível verificar que os oito grafemas vocálicos encontrados em Martius (1863) podem ser sistematizados para representar apenas quatro sons em Huni Kuĩ, a saber:

Tabela 20: Comparação de segmentos vocálicos Martius - Huni Kuĩ

Martius	Maná (Huni Kuĩ)
ü	i
i	
é	
é	i
ë	
ö	
ue	
a	a
a	
o	
u/o	u

Apesar de ter um registro a partir de um sistema baseado na língua alemã, os dados de Martius (1863) mostram um registro grafemático sistemático, em comparação com os dados do Huni Kuĩ. Ou seja, os dados de oitiva tiveram uma boa equivalência.

COMPARAÇÃO DE DADOS DE FARIA COM HUNI KUÏ

A partir dos dados, é possível verificar que os 13 grafemas vocálicos encontrados em Faria podem ser sistematizados para representar apenas quatro sons em Huni Kuï, a saber:

Tabela 21: Comparação de segmentos vocálicos Martius- Huni Kuï

Faria	Maná (Huni Kuï)
i	i
í	
ê	
e	
ê	i
ẽ	
í	
ũ/o	
ue	
a	a
ô, o/u	u

Em Faria (1927), houve uma quantidade maior de grafemas vocálicos em comparação com os dados de Martius. No entanto, mesmo sabendo que a comparação com o Huni Kuï seja uma possibilidade, há alguns grafemas vocálicos que merecem maior atenção, como é o caso do <e, ê, ẽ> e o caso do <o, ô>.

Vejam os casos do <o, ô>, nos dados, 18a, 18b e 5.

18.a	Milho	Schröki	çoqui	ʂiki <sheki>
18.b	Milho		çuquí	ʂiki <sheki>
5	Branco	osso	oçô	huʂú <hushu>

Note que aqui houve uma dúvida na forma de grafar, no Vocabulário dos Índios Caripuna (p. 166) consta *çoqui*. Já no Vocabulário Comparado Caripuna, Quepiquiriuáte, Ariquême, Jarú, Urupá, Uomo, Pacaá-Novo (p. 162), consta *çuquí*. Assim, no registro dos sons a oitava não foi grafada como um som “próximo do *u* do francês”. Mas sim, como se fosse um <u> fraco ou átono. Daí a sua fluência para a grafia do <o>. Já o exemplo 5, mostra que o grafema <ô> foi usado apenas como uma proeminência acentual.

Vejam os casos dos grafemas <e, ê, ẽ>

10	Homem	Uni	unê	huní <huni>	g ^w ãmpî
11	Jacaré	kapúena	capê	kapi <kape>	kapi ^t i
12	Língua	Hanpa	haná	haná <hana>	hana
13	Lua	urschê	úcê	uʂi <ushe>	puʂi
26	Pé	Taé	tah'ê	tai <tae>	tai

A nossa interpretação toma por base o fato de que o diacrítico <^> foi usado para descrever dois fenômenos: um da proeminência acentual e o outro para especificar um som que não existe na língua portuguesa. Para isso, o autor poderia ter usado o trema, descrito e adiantado na própria Convenção do sistema de escrita. No caso do diacrítico <~>, na vogal <e>, o fator que poderia ter condicionado é a interpretação da centraliza-

ção como uma vogal média, ou então essa vogal alta central poderia ter vindo com uma nasalização (a partir de marcas de ergatividade ou de possessivo). Assim, a grafia foi fluida, utilizando formas diferentes de grafar um mesmo som.

ELUCIDANDO ALGUMAS QUESTÕES DE GRAFEMAS CONSONANTAIS

Para elucidar algumas questões de grafemas consonantais, utilizaremos a tabela de comparação 19. No entanto, retiraremos a coluna da língua portuguesa, mantendo apenas a numeração. Quando a numeração se repetir, é porque queremos enfatizar os dois grafemas consonantais encontrados em uma mesma entrada lexical. Manteremos, em alguns dados, os grafemas vocálicos, para ajudar na elaboração das hipóteses de equivalências.

RESUMOS DAS EQUIVALÊNCIAS DOS GRAFEMAS CONSONANTAIS

Vejamus uma proposta de equivalência dos grafemas consonantais a partir dos dados do Karipuna de Martius (1863), Karipuna de Faria (1927), auxiliados a partir dos dados do Huni Kuĩ e do Kararari. Para este trabalho, faremos apenas a verificação com o grafema consonantal diante de vogal, em início de sílaba, precedido ou não de silêncio, conforme os números dos dados. Os pontos de interrogação são nossos.

Tabela 22: Proposta de equivalência de grafemas

	K. Martius	K. Faria	Huni Kuĩ	Kaxarari	Fone?
11	p	p	p	p	p
22	b	b	b	b	b
28	b	b	b	b	
21	w	v	b	b	
8	wa	ba	ba		w
25	v	b	b	b	
17	m	m	m	m	m
26	ta	ta	ta	ta	t
10	n	n	n		n
4	nja	nha	njã		ɲ
2	c/k	c(a,o,u)	ka		k
11	ka	qu(e,i)	ka (kape)	ka	
12	h	h	h	h	h
19	r	r	r		r
27	sa	ça	şá (sha)	ʃa	ʃ?
15	ssu	çú	sú (su)	s	s
5	sso	çô	şú (shu)		ʃ
7	ssa	ça			
33	ssú	çũ	şú (shu)	ʒo	
27	schu	çú	ş (sh)	ʒu	
13	rschě	cê [ç?]	şî (she)	ʒi	
18.a	schrö	ço	şî (she)		

6	sché	cô [ç?]	ʃi (xi)		ʃ
14	schi	xi	ʃi (xi)		
33	tscha	xa	tʃa (txa)	tʃa	
9	tschü	xí	tʃi (txi)	tʃi	tʃ
20	tse [tsch?]	xe			
25	tsché	ti [txi?]	tʃi (txi)	txi	
16	tza	tço	tsá (tsa)		ts

Para alguns casos, optamos por tomar os grafemas diante de algumas vogais específicas, tendo por base o sistema da língua portuguesa que possivelmente fora utilizado por Faria, e assim ajudar na elucidação das propostas de equivalências. Isso ficou evidente no caso do uso de <ç>. Em outros casos, como em 13, suspeitamos que deve ter ocorrido algum problema de tipografia pois, a partir das equivalências com os dados tanto de Martius quanto do Huni Kuĩ, é bem provável que era para ter sido realizado um grafema <ç>. Já no caso do dado 6, o grafema poderia ter sido um <x>. Outra possibilidade interpretativa é que o som da palavra para ‘lua’ já não teria sido realizado como uma possível fricativa retroflexa, e, sim, como uma fricativa palatal.

VERIFICAÇÃO DE DIVERSOS GRAFEMAS PARA MESMOS FONES

A partir da apresentação da tabela 22, foi possível verificar dois comportamentos: houve uma convergência na utilização de um mesmo grafema para representar um possível fone principalmente para este conjunto <p, b¹⁶, m, t, n, h, r>. Para os demais, houve uma maior divergência de representações gráficas para um possível fone. Assim, iremos evidenciar apenas os registros gráficos com maior divergência:

Tabela 23: Comparação de grafemas para o som <k> e <n>

k			ɲ	
c(a, o, u)	qu (e, i)	k, c	nj	nh
Farias		Martius	Martius	Farias

Verificou-se que o som [k] foi registrado com três símbolos gráficos: a) “c” diante de “a, o, u”; b) “qu” diante de “e, i”, e c) “k”. O [ɲ] foi representado de duas formas pelos autores: a) “nj” e “nh”.

Verificamos que os autores realizaram uma maior divergência de registro grafemático para um som fricativo retroflexo, muito comum nas línguas da família Pano.

Tabela 24: Comparação de grafemas para o som <ʂ>

ʂ				
ç	ss	sch	rsch	schr
Farias	Martius			

Para a fricativa retroflexa foram cinco representações gráficas, provavelmente um recurso utilizado pelos autores para registrar um som não usual em suas línguas de ori-

16 Lanes (2005, p. 158) apresenta alguns dados de cognatos interlinguísticos em relação ao som [b] e ao som [w]: o [b] sendo realizado como ele mesmo e alguns sons semelhantes [b, m, mb, nb] (ver dado número 24, ‘carne’. Já no caso do [w], teve as seguintes variações: [w, □, □] (vedado número 43, ‘dois’). Nesse conjunto de dados, Lanes (2005) comparou os dados de línguas Jaminawa, Yawanawá, Kaxarari, Kaxinawá, Katukina, Arara, Shanenawa, Poyanawa.

gem. Então, buscaram uma representação gráfica que pudesse representar a complexidade articulatória daquilo que estavam ouvindo.

Tabela 25: Comparação de grafemas para os sons <ʃ>, <tʃ> e <ts>

ʃ		tʃ		ts	
sch	x	tsch, ts	t, x	tz	tç
Martius	Farias	Martius	Farias	Martius	Farias

A forma da escrita grafemática utilizada requereu um sistema de registro gráfico conforme a valoração dos símbolos utilizados para a escrita da língua portuguesa, tal como o uso do <t> diante da vogal <i>, que, em boa parte da pronúncia do português brasileiro é africado; ou a construção da adaptação feita para a escrita do alemão. Nisso, cada autor procurou um método convergente de grafar, havendo mais regularidade para o som fricativo [ʃ] e o africado alveolar [tʃ].

ELUCIDANDO AS FORMAS DE ALGUNS GRAFEMAS

Nos dados dos dois autores, foram registrados alguns grafemas que fogem à regra do encontrado nas línguas da família linguística Pano, a saber: <g, z (Martius), g, gw, z (Faria)>. Vejamos algumas considerações dos dados:

Tabela 26: Apresentação de grafema <gw>

Latim	Português	K. Martius	Huni Kuĩ
Gramen	Gramma, relva	guassi	basi (basi)

Os dados comparados de K. Martius com o Huni Kuĩ indicam que é um cognato. E o grafema <gw>, possivelmente, foi uma ‘interpretação auditiva’ de um fone aproximante que poderia ser um velar [w], interpretado como uma oclusiva velar sonora labializada [g^w]¹⁷. E esse som aproximante, por semelhança fonética, pode ser aproximado do fone oclusivo bilabial sonoro [b]. Oliveira (2014), fazendo a comparação de dados interlinguístico na família Pano, um cognato (dado 417, 470, p. 354), verificou que o fone [w] foi realizado, em algumas línguas Pano, como [w, β, b, φ]. Ou seja, o registro foi o mais aproximado possível da labialização, mas que, possivelmente, seria uma aproximante e não uma sonora velar labializada.

Faria apresentou algumas entradas lexicais com [g, gw], exemplificado na próxima tabela 27:

Tabela 27: Comparação de grafemas <g, gw>

Português	K. Faria	Huni Kuĩ
Cutia	çanga	marí (mari)
Cortar	pençanga	mişti (meshte)
Mudar	manegá	maiá (maea)
Fechar	taúxaga	bipú (bepu)
Lembrar	xocoága	jinã (xinã)
Cozinhar	xoreága	bawá (bawa)

¹⁷ Para maiores informações acerca de trabalhos que buscaram especificamente apresentar e teorizar propostas de modificações sonoras de língua para língua, sugerimos: Lanes (2005), em *Aspectos da Mudança Linguística em um conjunto de línguas amazônicas: as línguas Pano*. E também sugerimos o trabalho de OLIVEIRA (2014), em *Contribuições para a reconstrução do Protópano*.

Os seis dados apresentados por Faria (1927) não possuem cognatos nos dados de Martius (1863). E, comparando com o Huni Kuĩ, verifica-se que não são cognatos. Então, provavelmente pode ter sido um empréstimo de língua de alguma etnia da Colônia Indígena Rodolfo Miranda, inserido nos léxicos coletados¹⁸. Ou pode revelar algo maior: que a língua estava em processo de mudança (algo a ser verificado na sequência da pesquisa).

Tabela 28: Comparação de grafemas <k, g>

Português	K. Faria	Huni Kuĩ
Caju	çaipaguẽ	-
Chama	rerêgue	hi ikí (hi iki)

No segundo conjunto, o léxico para ‘chama’ sugere que o fone oclusivo velar surdo [k] foi ‘interpretado’ como ‘oclusivo velar sonoro’ [g]. E a grafia do <r> em português pode ter representações gráficas diferentes, uma delas é que o <r> inicial pode ser uma representação de um som aspirado <h>.

Tabela 29: Comparação de grafema <z>

Latim	Português	K. Martius
Perizoma	Cinto, faixa	Zeresbe
Suspensorium virile	Protetor peniano?	Zöresbé

Quanto ao grafema <z>, os dois dados não apresentam cognatos em Huni Kuĩ. Os dados lexicais indicam um tipo de cinto, faixa que se usava na cintura, e que, suspeito, devia ter uma função de suspensório peniano (um tipo de protetor peniano). No entanto, não é comum na família linguística pano um fone [z]. Quando utilizado o filtro do sistema de registro de Martius (1863) que é a língua alemã, então esse grafema pode corresponder possivelmente a africada alveolar [ts]¹⁹.

Em Faria, apareceu um dado com esse grafema <z>. No entanto, não temos cognato para ele.

Poeira	mozebën	bimijpú (bemixpu)
--------	---------	-------------------

Diferentemente do que ocorreu com o filtro fonológico do sistema de escrita de Martius (1863), aqui não podemos inferir e hipotetizar traços de equivalência de um possível <z> na língua.

Vejam agora a representação gráfica [d]:

Tabela 30 Comparação de grafema <d>

Português	K. Faria	Huni Kuĩ
Panela	mandepaint	kintí (kēti)
Ombro	pepánde	pitjĩ (petxi)
Quatro	mocandê	kitáš (ketash)
Cinco	mocandê (tudo)	mĩtsã (metsã)
Pestanas	randé	bijpí (bexpi)

¹⁸ A continuação deste trabalho já está verificando os itens lexicais sem cognatos para identificar se são empréstimos e de que (ou quais) língua(s).

¹⁹ Agradecemos, novamente, a leitura atenta dos avaliadores e a indicação dessa sugestão de equivalência grafema-fone, em alemão.

Chorar	uindeá	kaşa (kasha)
Lágrima	uínié	biún (beũ)
Remar	uindeá	tuin (tuẽ)
Remo	uintê	bintí (bīti)

Os dados indicam a presença do grafema <d>. Em ‘panela’, consta um registro no mínimo estranho (que pode ter sido até uma questão de erro de impressão, como parece haver em outros dados). Outros dados indicam que podem ter sido anotados equivocadamente, porque ‘chorar’ não parece semanticamente com ‘remar’, ou é um empréstimo. Mas os léxicos ‘remar’ e ‘remo’ são pertencentes a uma mesma classe. E são nesses dois dados, principalmente ‘remo’, que o fone oclusivo alveolar surdo [t] parece ter sido percebido como realizado oclusivo alveolar sonoro [d]. No entanto, a palavra para “lágrima”, tanto na página 121 quanto na 163, não possui <d>. E pode ter ocorrido o mesmo com o dado em ‘pestanas’. No entanto, tem que ser verificado, em dados futuros, essa possibilidade de sonorização de alguns fones surdo, como ocorreu com [k], além do fato constante de ser grafado com uma pré-nasalização.

Nos dados de Martius (1863) não encontramos o grafema <l>, somente no texto de Faria (1927).

Tabela 31: Comparação de grafema <l>

Português	K. Faria	Huni Kuĩ
Sobrancelha	buscularẽ	bĩʃpĩ (bexpi)
Lua nova	lacábana	uʃi bina (ushe bena)
Temer	lacũ	ratiĩ (ratei)
Pano	laintê	tari (tari)
Bater	lãtegá	riti (rete)
Deitar	lacaá	raká (raka)

Os dados ‘bater’ e ‘deitar’ indicam que o grafema <l> é realizado como <r> em Huni Kuĩ. Já esse <n> em Huni Kuĩ é registrado como [l] em Kaxarari, como pode ser observado nos dados a seguir:

Tabela 32: Comparação de grafema <l>

Português	K. Martius	K. Faria	Huni Kuĩ	Kaxarari
Arara vermelha (V. ave)	sauánã	Içá	kaín (kaĩ)	ʃawali
Mão	muékana ²⁰	moquẽn	mikin (mekẽ)	mikiĩ

Para mais discussão e proposta de estudo do fone [l] em Kaxarari, sugerimos a leitura de Lanes (2005) e Oliveira (2014).

TABELA DOS FONES CONSONANTAIS E FONES VOCÁLICOS

A partir dos materiais verificados, é possível construir uma proposta de tabela fonética preliminar a partir dos dois autores. Assim, apresentamos uma tabela fonética consonantal a partir de Martius (1863) e outra com base nos dados fornecidos por Faria (1927). Depois, apresentamos duas tabelas fonéticas vocálicas, uma de Martius (1863) e

²⁰ Quichua: maki [Nota de Martius].

outra de Faria (1927). Por fim, apresentamos duas tabelas fonéticas consonantal e vocálica provisórias, a partir dos dois autores.

TABELA A PARTIR DE MARTIUS

Vejamus uma primeira tabela fonética provisória, a partir dos dados de Martius (1863), e após realizadas as verificações e possibilidades de comparação, segundo dados do Huni Kuĩ e do Kaxarari.

Na tabela, colocamos em <?> interrogação alguns fones: [l, g, z], os quais suspeitamos que, nos dados apresentados pelos dois autores, não faziam parte do grupo de fones do Karipuna – Pano, por não apresentarem cognatos. Provavelmente, nas palavras que apareceram, são empréstimos.

Tabela 33: *Tabela fonética consonantal a partir de Martius (1863)*

	Bil.	Alv.	Post.alv	Retrof.	Palat.	velar	Glotal
Ocl. Su	p	t				k	h
Ocl. So	b					g	
Nasal	m	n			ɲ		
Tap		r					
Lateral		l					
Fric. Su		s	ʃ	ʂ			
Fric. So		z					
Afric.		ts	tʃ				
Aprox.					j	w	

Nossa interpretação para a retroflexa advém do fato de que esse som com característica articulatória mais diferente dos demais sons encontrados foram registrados nos sistemas de escrita dos dois autores pelos grafemas <ss, sch, rsch, rchr>, como apresentados na tabela 22 e 24.

TABELA A PARTIR DE FARIA

Vejamus agora a proposta da tabela fonética consonantal construída a partir dos dados de Faria (1927).

Tabela 34: *Tabela fonética consonantal a partir de Faria (1927)*

	Bil.	Lab.den	Alv.	Post.alv	Retrof.	Palat.	velar	Glotal
Ocl. Su.	p		t				k	h
Ocl. So.	b		d?					
Nasal	m		n			ɲ		
Tap			r					
Lateral			l?					
Fric. Su.			s	ʃ	ʂ			
Fric. So.			z?					
Afric. Su			ts	tʃ				
Aprox.		v				j		

Também encontramos alguns fones que possivelmente não fazem parte da tabela fonética do Karipuna, tais como: [d, l, z], por isso também os colocamos com um ponto de interrogação. A diferença entre as duas tabelas está no fato de que, em nossa interpretação, a partir de Faria (1927), é possível sugerir um fone labiodental [v], o qual poderia oscilar uma representação próxima do [b, β, w]. Da mesma forma que na tabela 33, os possíveis fones estão com ponto de interrogação porque os dados apresentados com esses grafemas não são cognatos. Por isso nossa suspeita.

POSSÍVEIS FONES VOCÁLICOS A PARTIR DOS DOIS AUTORES.

Veremos, agora, a construção de uma proposta de tabela fonética a partir dos dados de Martius (1863) e de Faria (1927).

TABELA FONÉTICA A PARTIR DE MARTIUS

Provavelmente a questão de acentuação nas vogais, principalmente com o acento agudo seria um recurso para indicar a proeminência silábica. Já para o provável fone central [i], houve uma maior gama de registros gráficos, e necessita ser averiguada posteriormente com mais estudos para verificar hipóteses do porquê da divergência de registro. Assim, apresentamos uma tabela simplificada, a partir de nossa leitura dos dados:

Tabela 35: *Tabela fonética vocálica a partir de Martius*

[i] i, e, é	[i], ue, ê, ô, ô	[u] u, o
[a] a		

TABELA FONÉTICA A PARTIR DE FARIA

Da mesma forma que Martius (1863), Faria (1927) realizou uma maior divergência do registro do possível o fone central [i], fato que necessita ser verificado posteriormente com maiores detalhes. Apresentamos, a partir de nossa interpretação a tabela 36:

Tabela 36: *Tabela vocálica a partir de Faria*

[i], i, e	[i] ue, ê, ô	[u] u, o,
a [a]		

Curiosamente, para o Kaxinawá, os falantes mais novos estão oscilando a realização dessa vogal central [i] para um [ə]²¹. Couto (2015, pp. 37) explica que, para o Saynawa (Yamináwa do Igarapé Preto) o fone é [ə]. Oliveira (2014, p. 165) recupera as informações de outros autores (KESINGER, 1963) que analisaram um fone [ʌ] para o Kaxinawá. Quem sabe os diferentes tipos de registros gráficos de Martius (1863) e Faria (1927) queiram nos indicar algo em relação a esse possível fone central alto. Somente pesquisas futuras irão ajudar a esclarecer.

²¹ Informações nossas.

TABELA COM A LISTA DOS FONES CONSONANTAIS PROVISÓRIOS DO KARIPUNA

Dessa forma, propomos uma tabela fonética com 16 fones consonantais. Havendo apenas uma decisão a ser tomada futuramente entre a posição da aproximante: se seria labiodental ou velar.

Tabela 37: *Tabela fonética consonantal*

	Bil.	Lab.den	Alv.	Post.alv	Retrof.	Palat.	velar	Glotal
Ocl. Su.	p		t				k	h
Ocl. So.	b							
Nasal	m		n			ɲ		
tap			r					
Fric.			s	ʃ	ʂ			
Afric.			ts	tʃ				
Aprox.		v				j		

TABELA COM A LISTA DOS FONES VOCÁLICOS PROVISÓRIOS DO KARIPUNA

Também propomos uma tabela fonética preliminar com apenas quatro fones vocálicos.

Tabela 38: *Tabela fonética vocálica*

i	ɨ	u
a		

Interessante que a nossa proposta, reconstruída com base em dados escritos, diferenciando quase 100 anos, realizado por dois autores, um bávaro (de escrita alemã) e um brasileiro (com a escrita da língua portuguesa), seja bem próxima da proposta do sistema consonantal da língua Chácobo, apresentado no quadro síntese de Oliveira (2014, p. 134): as oclusivas /p, t, k, ʔ/, as nasais /m, n/, a vibrante /r/, as africadas /ts, tʃ, ʃ/, as fricativas /β, s, ʃ, ʂ/ e as aproximantes /w, y/. Dessa forma, mostramos que, com ligeiras acomodações e mais dados linguísticos do Karipuna, seguimos nossa hipótese de que os dados apresentados por Martius (1863) e Faria (1927) são de um Karipuna da família linguística Pano. E que esses dados da língua Chácobo, grupo do qual o Karipuna Pano faz (fazia) parte, comprova que há muitas semelhanças sonoras (apesar de propormos isso por métodos diferentes, mas não divergentes).

PALAVRAS FINAIS

Os dois autores utilizaram o tipo de registro que toma como base o sistema linguístico próprio, o primeiro do alemão e o segundo do português, com algumas acomodações grafemáticas particulares. Apesar de uma distância temporal de quase 100 anos, e de diferentes formas de grafar, a importância dos registros é inegável para poder ajudar a reconstruir uma das partes do sistema linguístico. O documento histórico ajuda também a contribuir para a recuperação de memória histórica de uma determinada etnia através do léxico. O léxico, uma das partes em que se registra essa memória histórica e conhecimentos autóctones, sintetiza informações cognitivas milenares, e atua como um eixo orga-

nizativo e que superficializa os saberes e fazeres de cada povo. Em relação à construção do texto, como os dados históricos apresentados mostram que esse Karipuna trabalhado aqui faz parte da família linguística Pano, foi importantíssimo para o entendimento e elucidação dos possíveis fones, a partir da comparação do Hãtxa Kuĩ (Huni Kuĩ), e algumas palavras do Kaxarari. Apesar de já haver vários trabalhos descritivos das línguas da família Pano, e trabalhos comparativos e reconstrutivos, a cada trabalho que recupera memórias históricas lexicais, ainda mais de uma língua não muito divulgada, Karipuna, ajuda a aumentar o arcabouço de conhecimento do potencial linguístico da grande e extensa família Pano. Além do mais porque esses dados do Karipuna são de etnia pano, do grupo Pacawara, mais oriental, do Ucayali ao Madeira, do Solimões ao Madre de Deus. Resta agora algumas questões a serem verificadas: os atuais Karipunas da Terra Indígena Karipuna, entre Nova Mamoré e Porto Velho, já não são falantes de língua da família Pano e, sim, da família Tupi do ramo Kawahiwa (SILVA, 2013). Então: onde foram parar os membros da etnia Karipuna de família linguística Pano? Um trabalho de pesquisa é necessário para evidenciar se realmente não existem mais falantes de Karipuna Pano ou se fizeram parte de alguma outra etnia como estratégia de sobrevivência (quem sabe um estudo mais detalhado dos empréstimos nesses dados possam nos dar alguns indícios?). Wanda Hankel, em 1949, fez uma publicação sobre a situação que denominou de ‘os últimos Karipuna’, na região de uma Colônia Indígena no Rio Ribeirão, Nova Mamoré, Rondônia. Os dados apresentados não sendo cognatos dentro de 160 dados de Martius (1863) e dos 502 (1927) dados de Faria será um bom início para verificar de onde provêm esses “empréstimos”, pois, talvez, esses dados, principalmente os de Faria (pelo fato da quantidade de dados) podem apresentar uma situação de “transição” entre os Karipuna que estavam vivendo em situação de “Colônia” do SPI, na qual estavam presentes povos de várias etnias, inclusive Tupi. Dados históricos falam sobre sucessivas ondas de epidemias entre os Karipunas. Esse fato, juntamente ao de casamentos interétnicos, pode ter levado à situação detectada por Hankel (1949). No entanto, é necessário um trabalho para elucidar a questão: “onde foram parar os Karipuna da família linguística Pano?”

REFERÊNCIAS

- CARDUS, J. *Las misiones Franciscanas entre los Infieles de Bolivia. Descripción del estado de ellas en 1883-1884, con una noticia sobre los caminos y tribus salvajes. Una muestra de varias lenguas. Curiosidades de Historia Natural y un mapa para servir de ilustración*. Barcelona: Librería de la Inmaculada Concepción, Calle del Buensuceso, num. 13, 1886.
- CHAVARRÍA MENDOZA, M. C.; RUMMENHÖLLER, K.; MOORE, T. (Eds.). *Madre de Dios*, refugio de pueblos originarios. Lima: USAID, 2020.
- COUTO, C. A. C. *A Fonologia do Saynáwa (Pano): a língua falada pelos índios Saynáwa/Jamináwa da Terra Indígena Jamináwa do Igarapé Preto (Acre/Brasil)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Universidade Vrije Universiteit Amsterdam. LOT: The Netherlands, 2015.
- CRISTINO, B. P. *A rede de Capistrano de Abreu (183-1927): uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-~i em face da Sul-americanista dos anos 1890-1929*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, do departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FARIA, J. B. Vocabulário dos Índios Caripuna (E'loé) do Rio Madeira. In RONDON, C. M. S; FARIA, J. B. **Glossário geral das tribos silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil**. Tomo 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948, pp. 225-233.

HANKE, W. **Karipuna**. Arquivos coletânea de Documentos para a História da Amazônia. Setembro de 1949. Ano 3, Manaus, Amazonas, Vol. X. (Bibliothèque du Musée de L'Homme).

KAXINAWÁ, J. P. de L. **Confrontando registros e memórias sobre a língua e a cultura Huni Kuin**: de Capistrano de Abreu aos dias atuais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

_____. **Uma gramática da língua Hãtxa Kuĩ**. Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

KELLER, F. **The Amazon and Madeira Rivers**: sketches and descriptions from the note-book of an Explorer. (With sixty-eight illustrations on wood). New York: D. Appleton and Co., Broadway, 1874.

LANES, Elder. **Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas Amazônica**: as línguas Pano. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MARTIUS, Dr. Carl Friedr. Phil. Von. **Glossaria Linguarum Brasiliensium**. Beiträge zur Vol. II Zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Sprachenkunde. Erlangen. Druck Von Junge & Sohn, 1863.

MASON, J. Alden. Handbook of South American Indians. **Part.3 The language of South American Indians**. Vol. 6. Physical anthropology, Linguistic and Cultural Geography of South American Indians. Bulletin 143 Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology. Washington: United States – Government Printing Office, 1950.

NORONHA, José Monteiro de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias do Sertão da Província**. Escripito na Villa de Barcellos pelo Vigário Geral do rio Negro, no anno de 1768. Pará: Typographia de Santos & Irmãos, 1862.

OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de Oliveira. **Contribuições para a reconstrução do Protopáno**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PINTO, Emanuel Pontes. **Caiari**: lendas, proto-história e história. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas: 1986.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino-Português, Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Bibliográfico**. 10 ed. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.

SILVA, Rebecca Louize da. **A saga Karipuna**: uma narrativa oral de experiência pessoal. Dissertação de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Rondônia, 2013.

TORRINHA, F. **Dicionário Latino Português**. 2e. Porto, Portugal: Gráficas Reunidas, LDA, 1942.